

PROJETO DE ASSENTAMENTO BARRA DA ONÇA; DOIS ANOS DEPOIS, O QUE MUDOU?^{1*}

ELIANO SÉRGIO A LOPES^{2*}

A Fazenda Barra da Onça, situada no município de Poço Redondo, Estado de Sergipe, tem 6.261 hectares e 213 trabalhadores rurais e suas famílias assentados pelo **INCRA** como beneficiários da reforma agrária.

Distando quase 200 km de Aracaju, em 1985 essa propriedade foi alvo de ocupação por parte de trabalhadores rurais sem terra de Poço Redondo e de municípios vizinhos, mobilizados pela Diocese de Propriá e sindicatos de trabalhadores rurais de N. S. da Glória e de Poço Redondo. O conflito durou quase um ano, até que o imóvel foi desapropriado pelo Governo Federal para fins de reforma agrária.

Em 1986, foi criado, então, o Projeto de Assentamento Barra da Onça, sob a responsabilidade da Superintendência Regional do **INCRA** em Sergipe, como parte do Plano Regional de Reforma Agrária, e entregue aos trabalhadores rurais sem terra que participaram do movimento.⁽¹⁾

O Assentamento está dividido em três áreas distintas, ocupadas por trabalhadores dos grupos de Glória, Porto da Folha e Poço Redondo.

O loteamento da propriedade foi feito pelos próprios assentados, sob a orientação de suas lideranças, uma vez que o **INCRA** postergava sempre a decisão de fazê-lo. Assim, cada grupo fez as "marcações" e distribuiu os lotes para os seus membros. Os grupos de Poço Redondo e Porto da Folha também reservaram uma área para exploração agrícola comunitária e outra para a construção de equipamentos sociais.

Atualmente, a exploração dos lotes no assentamento é feita de forma mista, isto é, combinando-se o trabalho individualizado na parcela com a participação em atividades grupais nas roças comunitárias. Ressalte-se, porém, que um expressivo número de assentados, em torno dos 70%, trabalham exclusivamente no seu próprio lote. Destes, pelo menos 25% são trabalhadores rurais do chamado "grupo

de Poço Redondo", que anteriormente combinavam o trabalho na própria parcela com o trabalho coletivo numa área pertencente ao grupo e administrada por uma Associação criada por esses trabalhadores com tal finalidade. Por não concordarem com a mudança no número de dias e na forma de participação do trabalho coletivo proposta pela direção da associação, em Assembleia Geral, se desligaram da mesma.

A maioria, entretanto, é formada por trabalhadores do "grupo de Glória", que desde o início da exploração da área optaram por fazê-la de maneira individualizada, utilizando a força de trabalho familiar exclusivamente em atividades no seu próprio lote.

Além da análise comparativa dos resultados das safras 86/87 e 88/89, este texto pretende mostrar as modificações ocorridas na utilização da terra e nos instrumentos de trabalho utilizados pelos assentados da Barra da Onça nesse período. Por outro lado, procura chamar atenção para a forma como os trabalhadores que ali se encontram estão se relacionando com a natureza e entre si: bem como com os agentes externos (técnicos do governo) que atuam na área.

Trata-se, enfim, de um esforço voltado para a identificação e compreensão das mudanças de natureza econômica, social e ambiental que estão acontecendo naquele Projeto de Assentamento, e seu impacto para a vida das pessoas que ali se encontram.

O pressuposto básico que orienta a análise é que os assentamentos constituem uma modalidade econômica e socialmente viável de cultivar a

1* - Parte de Pesquisa Reforma Agrária em Sergipe. Estudo sobre a luta pela terra dos assentados da Barra da Onça

2* - Professor da Univ. Federal de Sergipe. Dep. Economia

1 - LOPES, Eliano Sérgio A. A Reforma Agrária em Sergipe: Notas Preliminares sobre o Projeto de Assentamento Barra da Onça. in Ensaaios Econômicos e sociais (ECOS), Vol. 2, IESAP, Aracaju, 1988.

terra. Mais ainda, que os resultados dessa forma de exploração por pequenos produtores tem apresentado resultados positivos, a despeito das deficiências no atendimento prestado aos assentados pelo setor público; o que, em última instância, significa falta de vontade política do Governo da "Nova República" de realmente executar a reforma agrária no País. (2)

I - NOTAS METODOLÓGICAS:

Os dados referentes a safra 86/87 foram obtidos através de levantamento de campo feita pelo INCRA/NE, numa amostra correspondente a 50% dos parceliros da Fazenda Barra da Onça, realizada entre os meses de agosto e setembro de 1987. (3)

Os resultados da safra 88/89 foram levantados por técnicos agrícolas do Escritório Local da EMATER/SE de Poço Redondo, durante o mês de março de 1989, e correspondem a 67% dos lotes existentes e a 80% dos assentados que tiveram acesso ao crédito rural do PROCERA em 1988. (4)

Em virtude dos dois levantamentos terem sido feitos com objetivos distintos e não serem os trabalhadores entrevistados os mesmos, nos dois períodos da coleta dos dados, as análises referem-se às modificações observadas no Projeto como um todo e não à performance individual de seus ocupantes. Em outras palavras, os resultados mostram o que mudou na Barra da Onça dois anos após a sua implantação, sem descer a detalhes quanto aos possíveis beneficiários de um aumento do patrimônio individual.

Outra observação a fazer, é que os dados disponíveis sobre alguns instrumentos de trabalho, equipamentos e utensílios para guarda da produção agrícola se restringem a safra 88/89, impedindo, portanto, comparações com a safra 86/87.

II - MUDANÇAS NA UTILIZAÇÃO DA TERRA E PRINCIPAIS RESULTADOS DAS SAFRAS 86/87 E 88/89.

A Tabela 1 mostra o crescimento da área explorada na Barra da Onça.

De apenas 10% da área total na safra 86/87, passou a ser de 26% em 88/89, o que significa ter aumentado 2,5 vezes mais no período de dois anos. E a área média explorada mais que duplicou no mesmo período, passando de 3,1 hectares em 86/87 para 8,1 hectares em 88/89.

Ressalte-se que tal crescimento dependeu totalmente da ampliação da área com pastagens e palma forrageira. Enquanto a área cultivada com lavouras-milho, feijão e algodão -, apresentou uma queda brutal em relação a área explorada total (de 75% caiu para 26% na sua participação, embora mantendo a área média constante), o plantio de palma e do capim teve um crescimento expressivo em 88/89. A palma passou a ocupar 43% da área explorada em 88/89 contra 20% em 86/87, e o capim, 31%. Em termos de área média, a área de capim plantado quase duplicou no período, enquanto a da palma cresceu de 1 para 4 hectares.

Tem-se assim, a ocorrência de um processo que parece apontar para um interesse maior dos assentados em priorizar a criação de animais de grande porte (bovinos) como a atividade econômica mais importante a ser desenvolvida no Projeto, deslocando para segundo plano a produção tradicional - feijão, milho e algodão.

A instabilidade da produção agrícola de alimentos, a oscilação dos preços das culturas de subsistência e ainda a praga do bicudo que dizima a plantação de algodão parecem estar na raiz dessa decisão de formar pastagens e palma, visando a uma futura criação de gado.

Os resultados das safras 86/87 e 88/89, constantes da Tabela 2, mostram que houve um crescimento de

2 - ABRA, Revista Reforma Agrária, Nº 1. Abril a Junho/88.

3 - Na época, as famílias assentadas pelo INCRA na Barra da Onça eram 156. Atualmente, já são 213, reconhecidas como beneficiárias da reforma agrária naquele Projeto.

4 - O levantamento de campo feito pela EMATER/SE tinha como objetivo verificar a aplicação do crédito do PROCERA pelos 180 assentados da Barra da Onça que haviam tido acesso ao mesmo, na safra 88/89.

57% da área plantada em consórcio de milho e feijão no período. Com relação ao outro produto que ocupa um papel relevante na exploração agrícola dos assentados- o algodão- não se dispõe de dados sobre o seu comportamento na safra 88/89, impedindo que se faça comparações com os resultados apresentados em 86/87.

Ficam prejudicadas, ainda, quaisquer análises que se venha a fazer sobre a produção e a produtividade dessas culturas no período estudado, em virtude da safra em 86/87 ter sido praticamente perdida. A seca de enormes proporções que atingiu o semi-árido Sergipano e o bico do que devastou a roça de algodão dos parceiros da Barra da Onça foram os

principais responsáveis por esse acontecimento. De qualquer forma, vale a pena registrar a excelente produção colhida pelos assentados da Barra da Onça nas roças de feijão e milho, na safra 88/89, que atingiram 111 e 416 toneladas, respectivamente. Os rendimentos de ambas as culturas também podem ser considerados muito bons, já que superam os índices de rendimento médio observados para o Estado como um todo. Enquanto a produtividade do milho para Sergipe é de 684 kg/ha, na Barra da Onça ele foi de 1430 kg/ha, portanto, mais do que o dobro. Por sua vez, o feijão apresentou um rendimento médio de 381 kg/ha contra os 369 kg/ha verificados para Sergipe.(5)

TABELA 1

Projeto de assentamento Barra da Onça
Área Média dos Lotes, Área Explorada e Não Explorada - 1986/87 e 1988/89

DESCRIMINAÇÃO	1986/87			1988/89				
	Nº de INF.	HECT.	%	ÁREA MÉDIA (ha)	Nº de INF.	HECT.	%	ÁREA MÉDIA (ha)
Área Total	(78)	2.381,5	-	30,5	(143)	4.290,0	-	30,0
Área Explorada	(78)	247,8	100,0	3,1	(136)	1.106,4	100,0	8,1
- Com lavoura	(76)	184,7	74,5	2,4	(133)	290,4	26,2	2,2
- Com palma	(44)	49,9	20,1	1,1	(117)	476,4	43,1	4,1
- Com pastagem	(5)	13,2	5,4	2,6	(75)	339,6	30,7	4,5
Não explorada	(78)	1.659,4	-	21,3	(143)	2.325,6	-	16,3
Reserva Florestal	(78)	476,3	-	6,1	(143)	858,0	-	6,0
Área Explorada/ Área Total			10,3				25,8	

Fonte: **INCRA/SE** - Pesquisa de campo, 1987 (n=78)

EMATER/SE - Escritório local de Poço Redondo, 1989 (n=143)

5 - Os índices de rendimento para Sergipe são os constantes do documento Estatística da Agropecuária Sergipana, Vol.1., publicado pela SAGRI/ASPLAN/CEPA, em maio de 1985.

TABELA 2

Projeto de Assentamento Barra da Onça
Área, Produção e Rendimento das Principais Culturas - 1986/87 e 1988/89

A N O	1986/87			1988/89		
	AREA (a) (ha)	PROD. (t)	REND. (kg/ha)	AREA(a) (ha)	PROD. (t)	REND. (kg/ha)
Feijão	185	1,7	9,2	291	111	381
Milho	185	13,4	72,4	291	416	1.430
Algodão(b)	185	7,8	42,2	...	...	...

FONTE: INCRA/SE - Pesquisa de campo, (n=76)

EMATER/SE - Escritório local de Poço Redondo, 1989 (n=134)

(a) Refere-se a área plantada em consórcio de milho + feijão + algodão, na safra 86/87 e a área consorciada de feijão + milho, em 88/89.

(b) Os dados da safra 88/89 não foram levantados pela **EMATER/SE**.

TABELA 3

Projeto de Assentamento Barra da Onça
Total do Rebanho Existente nos Lotes dos Parceleiros - 1986/87 e 1988/89

T I P O	NÚMERO DE CABEÇAS	
	1986/87	1988/89
Vaca	35	150
Boi de carro	42	165
Caprino	22	29
Ovino	69	17
Suíno	59	...
Outros Animais de Serviço (a)	13	59
T O T A L	240	420

INCRA/SE - Pesquisa de campo, 1987 (n=78 - safra 86/87)

EMATER/SE - Escritório local de Poço Redondo - safra 88/89

(a) Refere-se a cavalo, égua e jegue.

Como é possível ver na Tabela 3, o crescimento substantivo da área com pastagem e palma forrageira veio acompanhado do também cêlere aumento do número de animais, especialmente bovinos. Em termos globais, houve um crescimento de quase 70% do total de animais existentes no Projeto, durante o período 86/88.

Dois aspectos merecem ser destacados: o primeiro, diz respeito ao aumento do número de assentados que atualmente possuem "bois de carro".(6) Na safra 86/87, pouco mais de um quarto dos assentados na Barra

da Onça tinham esses animais; dois anos depois, já são 57% os que dispõem de "bois de carro" ou animais de serviço, como também são chamados.

A posse desses animais não só permite ao assentado dispender um menor esforço nas atividades eminentemente agrícolas ajudando na aração ou "tombamento" da terra, transportando insumos, sementes, ins-

6 - Denominação dada pelos assentados aos animais de serviços, utilizados frequentemente para puxar o carro de boi, bastante comum na região de Poço Redondo.

trumentos de trabalho da casa ao local onde será plantada a roça e/ou o pasto e a palma, e trazendo a madeira que será transformada em estaca, lenha ou carvão para posterior venda, como lhe permite auferir uma certa renda monetária, através dos fretes que realiza para outros moradores do Projeto que ainda não têm carro de boi. Por fim, a sua utilização no transporte de água para o consumo humano e animal, numa área em que o abastecimento tem que ser feito por meio de carro-pipa, na época do verão, reforça a importância desses animais para os pequenos produtores da Barra da Onça.

O outro aspecto está relacionado ao aumento do número de assentados que têm vacas, como mostra a tabela 4. Enquanto no ano agrícola 86/87 somente 26% dos assentados possuíam esse animal, em 88/89 esse número cresceu para quase 60%. Em contrapartida, observou-se no período uma diminuição relativa dos assentados que tinham animais de médio porte

(caprinos e ovinos, especialmente), o que reforça a afirmativa de que há uma preferência nítida dos assentados da Barra da Onça pela criação de gado.

Não se deve, entretanto, tirar conclusões apressadas, do tipo "os assentados da Barra da Onça querem mais é ser fazendeiros". Na verdade, o que se trata é de um processo que tem muito mais a ver com a necessidade do assentado procurar garantir um mínimo de condições de sobrevivência, diversificando a atividade econômica como forma de se contrapor aos problemas de ordem estrutural e conjuntural que atingem principalmente a pequena produção agrícola de subsistência, além da seca que periodicamente ocasiona a perda de safra. Mais ainda: trata-se de "investimentos" que visam a aumentar a produtividade do trabalho agrícola no assentamento (no caso dos animais de serviços) e a melhorar a alimentação das crianças (com o leite retirado das vacas), e não a formação de fazendas voltadas à comercialização de gado de corte, leite ou engorda.

TABELA 4

Projeto de Assentamento Barra da Onça
Parceiros que Possuem Algum Tipo de Criação - 1986/87 e 1988/89

T I P O	1986/87		1988/89	
	(Nº de INF.)	%	(Nº de INF.)	%
Boi de carro	(21)	28,21	(81)	56,64
Vaca	(20)	25,64	(84)	58,74
Caprino	(08)	10,26	(12)	8,39
Ovino	(12)	15,38	(9)	6,29
Suino(a)	(29)	37,18	...	...
Outros Animais Serviços	(11)	14,10	(31)	1,68

FONTE: INCRA/SE - Pesquisa de campo, 1987 (n=78) - 86/87

EMATER/SE - Escritório local de Poço Redondo, 1989 (n=143 - 88/89)

(a) Refere-se a cavalo, égua e jeque.

TABELA 5

Projeto de Assentamento Barra da Onça
Distribuição dos Produtores, Segundo o Número de Animais que Possuem - 1986/87 e 1988/89 - Em %

Nº DE CABEÇAS	TIPO									
	BOI		VACA		CAPRINO		OVINO		OUTROS ANIMAIS	
	86/87	88/89	86/87	88/89	86/87	88/89	86/87	88/89	86/87	88/89
0	71,8	43,4	74,4	41,2	89,7	91,6	84,6	93,7	85,9	78,3
1	11,5	-	15,4	30,8	6,4	4,9	1,3	2,8	11,5	16,1
2	18,8	55,9	3,8	21,7	-	-	3,8	2,1	2,6	4,2
3	2,6	0,7	5,1	4,2	2,6	0,7	5,1	0,7	-	1,4
4	-	-	-	-	-	1,4	-	0,7	-	-
5	-	-	1,3	1,4	-	0,7	1,3	-	-	-
+5	1,3	-	-	0,7	1,3	0,7	3,8	-	-	-

FONTE: INCRA/SE - Pesquisa de campo, 1987 (n=78)

EMATER/SE - Escritório local de Poço Redondo, 1989 (n=143)

(a) Refere-se a cavalo, égua e jéque

Os dados da Tabela 5 ajudam a esclarecer melhor essa questão. Como se pode observar, a maioria dos assentados não possui mais do que dois bois e/ou uma ou duas vacas, o que os coloca claramente como pequenos produtores rurais que combinam a atividade agrícola com a criação de um pequeno rebanho. E este constitui, em última instância, um "fundo de reserva" para cobrir dificuldades resultantes de uma seca que frustra a safra e impede o pagamento de débitos contraídos ou de doenças na família, que requeiram tratamento especializado e oneroso.

Por outro lado, a diminuição do número de assentados criadores de ovinos e caprinos tem sua explicação na própria lógica de acumulação tradicionalmente seguida pelos pequenos produtores sertanejos: tem-se a "miunça" (cabras, ovelhas, etc) quando não se dispõe de dinheiro suficiente para comprar a vaca. No momento em que isso

se torna possível, vende-se a "miunça" e compra-se o gado, e assim sucessivamente. Essa lógica não torna excludentes a criação da "miunça" e do gado, apenas ressalta a prioridade que o gado tem em relação aos animais de médio porte para o lavrador do sertão, mercê às facilidades de mercado, preços comparativos mais altos e menos trabalho no cuidado da criação.

Por trás dessa forma de agir, existe uma racionalidade econômica até hoje não percebida ou ignorada pelos órgãos responsáveis pelo planejamento agrícola e assistência técnica no meio rural. Esses órgãos insistem em fazer com que o pequeno produtor do sertão troque o gado pela criação de cabras e ovelhas, servindo-se de argumentos tecnicamente corretos apenas quando se tem a perspectiva de uma racionalidade capitalista, o que não é o caso em análise.

TABELA 6

Projeto de Assentamento Barra da Onça
Valor da Produção dos Principais Produtos - 1988/89

CULTURAS	VALOR DA PRODUÇÃO (a)	
	(NCZ# 1,00)	%
Feijão	66.600,00	57,2
Milho	49.920,00	42,8
Total	116.520,00	100,00

FONTE: EMATER/SE - Escritório Local de Poço Redondo, 1989 (n=134)

Aos argumentos técnicos da relação custo/benefício, "racionalidade" do uso dos fatores de produção, etc., os sertanejos opõem a lógica da reprodução física e social da unidade familiar de produção, que caracteriza o produtor simples de mercadoria que eles efetivamente são, e não os capitalistas que os órgãos do governo pensam ou que insistem em transformá-los.

A Tabela 6 mostra o valor da produção das principais culturas da Barra da Onça, na safra 88/89.

Pelo problema já exposto - frustração da safra 86/87 e desconhecimento sobre a produção de algodão em 88/89 -, foi possível dimensionar apenas a produção vendida de feijão e milho na safra 88/89.

Do valor total dessas vendas, 57% foi proveniente da cultura do feijão e o restante da cultura do milho. Em termos globais, a produção comercializada atingiu a cifra de NCz\$116.520,00, o que correspondia, na época da pesquisa, a 13,6 salários mínimos anuais por família. Resultado este que pode ser considerado excelente, haja vista o pouco tempo de existência do assentamento.

III - A DUPLA FACE DOS RESULTADOS OBSERVADOS:

A despeito de todas as críticas que se possa se fazer ao INCRA na implantação da reforma agrária em Sergipe - e elas são muitas -, não se pode negar que os resultados econômicos positivos apresentados pelo P.A. Barra da Onça, entre 1986 e 1988, foram resultantes em grande medida da ação direta ou indireta desse órgão.

Os recursos repassados diretamente pelo órgão sob a forma de crédito para aquisição de insumos e ferramentas de trabalho, ou que tiveram a sua interveniência, como o crédito especial para reforma agrária (PROCERA), reforçados por outros projetos de apoio às atividades produtivas comunitárias oriundas de entidades governamentais (EMATER/SE e PRONESE) e não governamentais (FASE e a CEBEMO da Holanda) foram determinantes dessas mudanças para melhor acontecidas no Projeto.

Mesmo assim, a recelta obtida pelos parceiros com a atividade agrícola ainda tem se mostrado insuficiente para repor os meios de produção e instrumentos de trabalho gastos ao longo do ano, bem como os dispêndios feitos com a manutenção do grupo familiar. Sem exagero, poder-se-ia dizer que ocorre na Barra da Onça uma reprodução simples da atividade econômica. O que impossibilita aos assentados a apropriação de um excedente que possa ser transformado em aumento do patrimônio familiar, seja sob a forma de bens materiais seja sob a forma de aplicações no mercado financeiro, como a abertura de caderneta de poupança, por exemplo.

Através do crédito de PROCERA, foi possível a um número significativo de assentados adquirir os carros de boi, os animais de serviço e as vacas, cujo crescimento foi bastante expressivo entre 86 e 88, conforme se tentou mostrar até aqui. O mesmo pode ser dito da compra de arados e silos domésticos.

Na Tabela 7 estão os dados sobre o número de assentados que já têm arado, carro de boi, silos e paióis para guarda dos produtos da lavoura. A constatação de que atualmente 50% dos assentados já dispõem de um arado, 57% têm carro de boi e 93% podem armazenar a parcela da produção reservada para o autoconsumo e sementes em depósitos adequados, é um fator muito importante e a ser destacado.

A posse desses instrumentos representa uma modificação qualitativa nos padrões tradicionais da prática agrícola dos sertão sergipano, e não deixa de ser um indicador de diferenciação econômica entre os assentados da Barra da Onça e a grande maioria dos pequenos produtores rurais do semi-árido. Na microrregião do Alto Sertão Sergipano, onde se localiza o Projeto de Assentamento Barra da Onça, o comum é a observação de que os produtos agrícolas são deixados na própria roça, quando não são vendidos imediatamente após a colheita ou até mesmo no início do ciclo agrícola ("venda na folha").

TABELA 7

Projeto de Assentamento Barra da Onça
Distribuição dos Parceleros Segundo a Posse de Alguns Instrumentos de Trabalho
Utensílios para Guarda de Produtos - 1988/89

T I P O	Nº DE INFOR- MANTES	%
Arado	71	49,7
Carro de boi	81	56,6
Silos Domésticos (a)	133	93,0
Armazém (b)	2	1,4

FONTE: EMATER/SE - Escritório Local de Poço Redondo, 1989 (n=143)

(a) São recipientes de folhas de flandres, em forma cilíndrica, para guarda de cereais (principalmente feijão).

(b) Pequeno "salão" onde o agricultor armazena o produto da lavoura.

Entretanto, apesar do comportamento satisfatório das variáveis até aqui analisadas, não é possível inferir que o Assentamento Barra da Onça e os seus beneficiários superaram os problemas iniciais e então em condições de garantir a continuidade do trabalho agrícola com seus próprios recursos.

Primeiramente, é importante não se deixar seduzir pela leitura fria dos números, mas procurar entender o seu significado e suas implicações sobre a área do Projeto e sobre a situação econômico-financeira de seus moradores. Isso porque os dados que apontam para as modificações já comentadas, tem a sua contra-face.

Do ponto de vista econômico, paira a incerteza entre os assentados quanto a possibilidade de se tornarem realmente donos desse patrimônio formado por animais, equipamentos, ferramentas, etc., uma vez que ainda não começaram a pagar as parcelas do crédito do **PROCERA**, muito menos têm idéia de quanto está hoje o valor de sua dívida com o Banco que repassou o referido crédito. Por outro lado, existe ainda uma questão muito importante, que é a questão ambiental.

A Tabela 8, mostra a velocidade com que vem ocorrendo o desmatamento na Barra da Onça e a área por eles desmatada. No período 86/88, a área desmatada cresceu 383% contra 350% de aumento da área efetivamente utilizada com atividade agrícola (lavoura e criação). Por outro lado, a área desmatada em 86/87 era 12% maior

que a área explorada, e, dois anos depois, essa relação cresceu para 18% mostrando que a derrubada da mata está sendo feita em proporção bem maior do que a área que efetivamente irá ser trabalhada pelos assentados no projeto.

Essa diferença entre área desmatada e área explorada corresponde ao desmatamento feito com a finalidade exclusiva de tirar madeira, posteriormente transformada em estaca, lenha e carvão e vendida a terceiros. Daí provém a maior parte da renda monetária dos assentados da Barra da Onça, pois nesses três anos o cultivo das principais lavouras - milho e feijão-, tem se voltado predominantemente para atender a subsistência do assentado e de sua família. É, portanto, da devastação da caatinga que os assentados da barra da Onça até o momento têm retirado a maior parte do dinheiro que irá permitir a sobrevivência da família na área.

TABELA 8

Projeto de Assentamento Barra da Onça área Desmatada, área Explorada e Relação entre a área Desmatada e a área Explorada - 1986/87 e 1988/89

DISCRIMINAÇÃO	1986/87			1988/89		
	TOTAL	MÉDIA	%	TOTAL	MÉDIA	%
Área Desmatada em ha.	279,2	3,6	-	1.350,0	9,4	-
Área Explorada em ha.	245,8	3,2	-	1.106,4	8,1	-
Desmatada	-	-	88,0	-	-	82,2

FONTE: INCRA/SE - Pesquisa de Campo, 1987 (n=78)

EMATER/SE - Escritório Local de Poço Redondo, 1989 (n=143)

Uma análise mais detalhada do processo de desmatamento que vem acontecendo na área (como pode ser visto na Tabela 9) mostra que, em 86/87, 62% dos assentados haviam desmatado entre 3 e 5 hectares do seu lote. Já em 88/89, somente 9,1% continuavam a fazê-lo na mesma magnitude. Em contrapartida, cresceu enormemente o número dos que passaram a derrubar cada vez mais a mata existente: 51% dos lotes apresentavam em 88/89, áreas desmatadas entre 5 e 10 hectares; em 30% dos mesmos só restaram a metade da cobertura vegetal sem contar que menos de 10% dos lotes só dispõem agora de um terço da mata original existente quando do assentamento de trabalhadores rurais na área.

Relacionando-se tais dados com a área média cultivada (pouco mais de 8 hectares ou 20 tarefas, incluindo-se aí a área plantada com palma e capim) e observando-se o tempo ainda extremamente curto de existência do Projeto (pouco mais de 3 anos), chega-se à conclusão de que está havendo um desmatamento irracional, com prejuízos ainda impossíveis de quantificar, mas de gravidades inquestionáveis.

Com relação a situação econômica dos parceiros, é preciso ter em conta que a instabilidade da produção agrícola na região, não só em virtude das secas periódicas que atingem a área, mas também - e principalmente - de fatores de ordem estrutural e política, atuam como elementos constrangedores de um melhor resultado da produção agrícola. Entre tais elementos podem ser mencionados os baixos preços pagos aos agricultores, as pra-

gas que acometem a lavoura do algodão e do feijão, a deficiente prestação dos serviços de assistência técnica e extensão rural, e, principalmente, recursos financeiros em quantidade reduzida, inacessíveis aos pequenos produtores e liberados com atraso, em desacordo com as fases do ciclo agrícola. Mesmo o crédito do **PROCERA**, que possibilitou a aquisição de animais, instrumentos de trabalho e insumos, na safra 88/89, foi liberado fora de época, prejudicando os assentados da Barra da Onça nos seus negócios.

Por outro lado, a manutenção de uma estrutura de comercialização que avilta os preços para o produtor, remunerando-o abaixo dos dispêndios com a cultura no ano e expropriando-o no ato da compra de produtos de natureza agrícola e industrial de que necessita, impedem um possível processo de acumulação.

Fechando o círculo, está a intocabilidade do poder local exercido pelos chefes políticos - geralmente também grandes proprietários de terra na região - que, através de políticas de cunho assistencialista, e, não raro, de pressões e intimidações, alijam os pequenos produtores rurais dos benefícios oriundos de programas e projetos pretensamente criados para atendê-los. Ainda mais no caso de trabalhadores rurais como os da Barra da Onça, que afrontaram o poder constituído ao ocuparem a fazenda e resistiram às ameaças e violências dos latifundiários e chefes políticos do lugar. Aliás, estes trabalhadores ainda hoje sofrem uma dupla discriminação: de um lado, das autoridades governamentais do Estado e, particularmente, da

Prefeitura de Poço Redondo, e, do outro, dos próprios moradores da cidade. Grande parte desses moradores ainda vêem os assentados da Barra da Onça como arruaceiros, criadores de caso e preguiçosos, tudo isso por terem os mesmos ocupado a fazenda à revelia do seu proprietário e lutado pela conquista da terra. A despeito de serem muitos deles oriundos do próprio município, os assentados da Barra da Onça ainda não conseguiram ser aceitos pela comunidade local como um de seus membros.

A desinformação quanto ao valor atual da dívida com o PROCERA - justamente a fonte de recursos que lhes permitiu adquirir animais, ferramentas, etc. - e que ainda não começaram a pagar, num quadro extremamente difícil como o que foi apresentado, cria nos assentados da Barra da Onça uma situação paradoxal e extremamente preocupante. Estes trabalhadores não se reconhecem enquanto proprietários reais dos investimentos/imobilizações feitos com os recursos do crédito a que tiveram acesso, mas apenas como "fiéis depositários", que mantêm sob sua guarda tais objetos e animais. Daí ser comum a preocupação em demonstrar a diferença entre aquilo de que realmente se consideram donos, isto é, de tudo o que foi comprado com recursos próprios, daquilo que foi adquirido através do crédito. Quanto se pergunta, por exemplo, se os animais que estão pastando no seu lote lhe pertence, o assentado responde: -

"aqueles ali são meus, aqueles outros são do banco.

Existem, ainda, sérias dificuldades na implantação da infraestrutura física e de serviços no Projeto, que se somam aos demais problemas já mencionados e interferem negativamente na atividade agrícola e na situação sócio-econômica dos assentados da Barra da Onça.

Os atrasos constantes de verbas para a construção das estradas vicinais, a não demarcação definitiva dos lotes, o precário funcionamento das escolas, a inexistência de postos de saúde, os problemas ligados ao abatecimento d'água, enfim a necessidade das condições mínimas necessárias para que os assentados possam efetivamente trabalhar na área, ainda estão por acontecer.

Finalmente, é preciso deixar claro que os resultados positivos observados no período 86/88 escondem um aspecto importante que é a organização dos produtores. Com exceção de uma dezena de assentados, remanescentes de um grupo de 41 trabalhadores que adotaram no início do Projeto uma prática de trabalho solidário, numa área comum pertencente ao grupo, e que ainda acreditam estar no trabalho organizado a única alternativa possível de melhoria sócio-econômica, os demais assentados da Barra da Onça continuam apostando no trabalho individualizado. Alguns ainda chegam a participar de outras práticas de ajuda mútua, porém de maneira esporádica.

TABELA 9

**Projeto de Assentamento Barra da Onça
Área Desmatada dos Lotes - 1986/87 e 1988/89**

ÁREA DESMATADA (ha)	NÚMERO DE LOTES		%	
	1986/87	1988/89	1986/87	1988/89
0 — 3	38	2	26,2	1,4
3 — 5	90	13	62,1	9,1
5 — 10	17	73	11,7	51,1
10 — 15	-	43	-	30,1
15 — 20	-	12	-	8,4
20 e mais	-	-	-	-

FONTE: INCRA/SE - Pesquisa de campo, 1987 (n=145)

EMATER/SE - Escritório Local de Poço Redondo, 1989 (n=143)

A criação de um setor reformado, cuja característica básica seria a organização de pequenos produtores, tanto no exercício do trabalho agrícola quanto no beneficiamento/transformação e comercialização da produção, ainda é uma quimera no Projeto de Assentamento Barra da Onça. As causas mais aparentes são: de um lado, características históricas e culturais dos pequenos produtores rurais do sertão sergipano, recobertas por componentes da ideologia burguesa que estimulam a iniciativa individual e desprezam as formas de trabalho solidário e cooperativo entre as pessoas; de outro, a falta de preparo dos técnicos que trabalham com os assentados que traz como resultante a falta de credibilidade junto aos mesmos e, conseqüentemente, a dificuldade de propor alternativas concretas que levem a superação dos problemas enfrentados pelos moradores do Projeto.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As análises feitas a partir de alguns dados das safras 86/87 e 88/89, respectivamente, permitem afirmar que aconteceram modificações importantes do ponto de vista econômico, na Barra da Onça.

Constatou-se uma participação maior dos assentados na posse de instrumentos de trabalho que facilitam sobremaneira a exploração do lote - como o arado, os animais de serviço, etc.

O crescimento do efetivo bovino, principalmente de "boi de carro" e vacas foi expressivo e bem distribuído, na medida em que atualmente mais da metade do parceleiros do Projeto já dispõem desses animais.

A colheita na safra 88/89 foi muito boa, ao contrário do que aconteceu em 86/87, e bastante expressivo o valor total da produção comercializada do milho e do feijão.

Esses resultados, porém, escondem alguns problemas importantes. Em primeiro lugar, as deficiências de atuação dos órgãos públicos no esforço de viabilização do Projeto.

Problemas seríssimos, como falta

de água (o Projeto é abastecido através de carro-pipa no período do verão, e, no resto do ano pela água das chuvas, acumuladas em barreiros e aguias existentes na área), estradas vicinais insuficientes e em má conservação descontinuidade na concessão do **PROCERA**, entre outros problemas, têm dificultado a obtenção de uma performance ainda melhor do Assentamento.

Do ponto de vista da gestão do assentamento, o problema maior está no desafio de tornar efetiva e permanente a participação organizada dos beneficiários nos destinos do Projeto. Torná-los co-responsáveis pela sua execução, a fim de que se vejam como sujeitos do processo de reforma agrária e os maiores interessados em vê-la dar certo.

Infelizmente, a inabilidade, a insensibilidade, a inexperiência e o despreparo dos técnicos que atuam na área, particularmente os do **INCRA**, tem dificultado essa organização e participação, na medida em que são tomadas decisões por cima, sem discussão com os assentados, estabelecendo-se prioridades que não são as mais indicadas e construídas obras que se tornam verdadeiros "elefantes brancos". Escolas fechadas, centro comunitário sem uso por parte dos assentados, casa de farinha construída sem que exista produção de mandioca, secador de grãos abandonado são exemplos da má aplicação de recursos na Barra da Onça. Como resultado disso, tem-se o descrédito dos técnicos junto aos assentados - não vendo estes qualquer necessidade da presença daqueles na área - e, por outro lado, a permanência de uma prática de trabalho individualizada, que apenas reforça e reproduz a dominação histórica dos latifundiários e chefes políticos sobre esses trabalhadores.

Em segundo lugar, destaca-se o alto custo social que poderá advir da irracionalidade do desmatamento das parcelas, sem a correspondente utilização produtiva da totalidade da área desmatada e/ou reposição das árvores destruídas.

Apesar de tudo, os resultados positivos verificados nesses dois anos na

alternativa de ocupação agrícola das áreas reformadas por pequenos produtores é viável. O que de modo algum retira a obrigação dos órgãos responsáveis pela execução da reforma agrária em Sergipe de corrigirem suas deficiências e darem todo o apoio necessário aos beneficiários desses Projetos.

BIBLIOGRAFIA:

"Revista Reforma Agrária, "As Organizações dos Empresários Rurais", Ano 17, Nº 2, de agosto a Novembro/87, ABRA, Campinas, S.P.

"Revista Reforma Agrária, "A Reforma Agrária no Estilo Sarney", Ano 17, Nº 3. Dez/87 a Março/88, ABRA, Campinas, S.P.

"Revista Reforma Agrária, "Nova Forma de Luta Pela Terra: Acampar", Ano 15, Nº 2, Maio/Julho - 1985 ABRA, Campinas, S.P.

"Revista Reforma Agrária, "Avaliações dos Assentamentos", Ano 18 Nº 1, Abril a Julho/88, ABRA, Campinas, S.P.

"Lopes, Eliano Sérgio A., "A Reforma Agrária em Sergipe: Notas Preliminares sobre o Projeto de Assentamento Barra da Onça", in Ensaios Econômicos e Sociais (ECOS), Vol 2, IESAP, Aracaju, 1988.

"MIRAD/PNUD/SUDENE - "Nível de Organização dos Assentamentos no Estado da Bahia, Recife, Fevereiro de 1989.

"MIRAD/PNUD/SUDENE - "Agricultura X Indústria: Os Espaços da Produção Familiar, Recife, Dezembro de 1988.

"MIRAD/PNUD/SUDENE - "Os Assentamentos de Ladeirinhas e Angical", Recife, Julho de 1988.

ABSTRACT

The paper search shows that the economical changes occurred in the

Barra da Onça Agrarian Reform Project, in the State of Sergipe, two years after its implantation.

Clearer than, some of part of the Government, the peasants settled there are producing food and amplifying their relative autonomy before the landlords and the political chiefs of the region who have explored and maintained their power of domination over the life of the hand labourer.

On the other hand, the progressive expansion of cattle in the small farms and the tendency **what presentation of constitute in the economical activity dominant her Project, the short time.** The creation of cattle emerges as a more practical alternative for obtaining monetary income and the prevention of the problems with the swing of the agricultural price.

The author analyses the relation between the peasants and the government technicians, the difficulty of social organization and administration of the Project and the reflection in obtaining the results intended by the agrarian reform - the social and economical development of the families who will be the beneficiaries of this policy.